



A importância da discussão dos Movimentos Sociais e Cultura Surda no Currículo da Educação Básica

The importance of discussion of Social Movements and Deaf Culture in the Basic Education Curriculum

**Airam Aimé Nesti
Dupret Lamas Leite**

Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES); Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

E-mail:

airamaimelite@gmail.com

Tatiane Militão de Sá

Universidade Federal Fluminense; Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências e Biotecnologia (UFF)

E-mail:

tatimili2@yahoo.com.br

Tathianna Prado Dawes

Universidade Federal Fluminense; Doutoranda em Estudos da Linguagem (UFF)

E-mail:

tathianna.libras.uff@gmail.com

Resumo

Este trabalho busca levantar reflexões sobre as contribuições da ferramenta fórum como estratégia de aprendizagem. O caso em estudo ocorreu numa escola da rede pública do Estado do Rio de Janeiro, na modalidade presencial. De forma complementar a atividades desenvolvidas em sala, os alunos utilizam as discussões, mais especificamente os fóruns, para descrever as reflexões das atividades coletivamente. Para tal foram utilizados estudos de Quadros e Karnopp (2004), Strobel (2013) e Tomazi (2013) e outros especialistas da área das Ciências Sociais e Libras por meio da proposta metodológica de triangulação conforme Dezin (1978) e Flick (1992). Neste espaço de escrita o professor procura explorar experiências de interação, provocar nos alunos questionamentos, estimular a pesquisa e possibilitar ao aluno chegar às suas próprias conclusões. O fórum Mitos acerca da Libras aponta debates importantes através de 05 perguntas norteadoras utilizadas com a finalidade de aprofundar os conceitos de Movimentos Sociais, Cultura Surda e Cidadania aplicados à disciplina de Sociologia na Educação Básica de maneira Interdisciplinar.

Palavras-chaves: Movimentos Sociais. Cultura Surda. Educação Básica.

Abstract

This paper seeks to raise reflections on the contributions of the forum tool as a learning strategy. The case study took place in a public school in the state of Rio de Janeiro, in the present modality. In addition to classroom activities collectively. For this, studies by Quadros and Karnopp (2004), Strobel (2013) and Tomazi (2013) and other specialists in the area of Social Sciences and Libras were used through the methodological proposal of triangulation, according to Dezin (1978) and Flick (1992). In this space of writing the teacher seeks to explore interaction experiences, provoke questions in the student,

stimulate research and enable the student to reach their own conclusions. The Myths about Libras Forum points to important debates through 05 guiding questions with the

purpose of investigate deeper the concepts of Social Movements, Deaf Culture and Citizenship applied at Sociology Discipline on Basics Education through Interdisciplinarity perspective.

Keywords: Social movements. Deaf culture. Basic education.

Introdução

Esta pesquisa compreende o debate em sala de aula com alunos do Ensino Público e como estes são atravessados pelas relações de saberes instituídos em Sociologia. Conforme Lourau (1993), as instituições podem ser representadas pelo: Estado, grupos, pessoas e, com elas, os saberes instituídos como: normas, ideologias, ritos, mitos e valores. Assim, de acordo com Macedo (2015), o pensar sociológico, quando manifestado através de fórum de debates, busca compreender as diferentes interações entre as pessoas. Estes, entrelaçados, por meio da ferramenta fórum devem refletir no coletivo de maneira a estabelecer relações de causas e efeitos dos diferentes fenômenos.

Desta maneira, o artigo parte do pressuposto da importância do ensino de Libras na Educação Básica inclusive para ouvintes a fim de romper limites comunicacionais que marginalizam pessoas surdas socialmente, pois, de acordo com Quadros e Karnopp (2004), os surdos são minoria linguística no país e a língua de sinais é a língua de maior facilidade de aprendizagem para esta comunidade por utilizar um receptor gesto-visual.

Estudos anteriores (LACERDA; MORAIS, 2013), (RODRIGUES; MEIRELES, 2017), (QUERINO; LIRA; SOARES; DAXENBERGER, 2019) sobre ensino de Libras para alunos ouvintes no ensino regular revelam que para eficiência na inclusão educacional de surdos no Brasil é necessário a oferta de capacitação para toda comunidade escolar no currículo da Educação Básica através da inclusão da disciplina Libras, treinamentos de funcionários, debates e palestras sobre acessibilidade, surdez e outros. Porém, estes temas ainda não são repassados na maioria das escolas ou há escassez de ações em prol da difusão destes conceitos gerando desconhecimento e a criação e propagação de mitos e, conseqüentemente, pré-conceitos em sociedade.

Neste caso, os mitos compõem a percepção ideológica dominante sob o olhar ouvintista acerca da surdez daí a necessidade em aprofundar a discussão sobre Língua de sinais e Cultura Surda a fim de gerar reflexões sobre o imaginário social que possuem a respeito de pessoas surdas e suas vivências. Os mitos acerca da Libras são discursos de pessoas que desconhecem a surdez e Línguas de Sinais Brasileira bem como estabelecem uma série de crenças que não correspondem à realidade sobre questões filosóficas e sociohistóricas sobre as temáticas, segundo Quadros e Karnopp (2004). Portanto, este conteúdo interdisciplinar pode ser explorado através de várias vertentes de conhecimento científico para desmistificar concepções equivocadas disseminadas em sociedade.

Dessa forma, o fórum Mitos da Libras inicia-se com discussões sobre: Cultura Surda (STROBEL, 2013), Estudos Linguísticos de Libras (QUADROS; KARNOPP, 2004) e algumas abordagens de conceitos disciplinares da Sociologia na Educação Básica sobre estudos do livro Sociologia para o Ensino Médio de Tomazi (2013), utilizado na instituição na qual ocorreu as atividades. Este avaliado pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) que, em sua Unidade V, apresenta os conceitos que foram desenvolvidos, como: Direitos, Cidadania e Movimentos Sociais dividido nos capítulos 14, que aborda Direitos e Cidadania, e 15, Movimentos Sociais, enquanto o capítulo 16 discorre sobre Direitos e Cidadania no Brasil e o 17 sobre Movimentos Sociais no Brasil. Entretanto, no decorrer dos capítulos, as trajetórias e narrativas da Comunidade Surda são omitidas, logo, os processos sociohistóricos nos quais esta se fez presente nas lutas em busca do reconhecimento e de inclusão de surdos.

Os Movimentos Sociais como ações coletivas de um grupo que defende a luta social por uma causa ou objetivo em comum (HONNETH, 2003, *apud* TOMAZI, 2013, p. 256) e pauta, nessas lutas por direitos e cidadanias, a discussão sobre a desmistificação a respeito da Cultura Surda. Assim, pessoas surdas lutaram durante muitos anos por seus direitos e, por este motivo, nos últimos anos houve diversas conquistas em relação à políticas públicas. Como é possível observar através do reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais por meio da Lei nº 10.436/2002, também conhecida como Lei de Libras, regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005 a respeito da Educação Bilíngue em Libras e língua portuguesa, medidas coletivas de

desenvolvimento acadêmico e ainda outras providências previstas na Lei nº 13.146/2015, denominada Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LDBI).

Este intento auxilia na compreensão do cenário de marginalização sociolinguística e cultural que a Comunidade Surda se encontra a fim de desmistificar as pré-noções construídas e difundidas no imaginário social, a importância do debate coletivo para promover a reflexão em espaços públicos e/ou privados no exercício da cidadania. Dessa forma, o objetivo deste trabalho visa descrever a estratégia de ensino por meio da ferramenta fórum a partir de mitos acerca da Libras para discussão sobre Movimentos Sociais e surdez na Educação Básica a fim de diminuir o impacto sobre a ausência destas abordagens em escolas do país.

É oportuno destacar que este estudo adotou uma estratégia de triangulação, conforme Denzin (1978) e Flick (1992) que pressupõe a possibilidade de métodos e técnicas de pesquisa serem vistos como complementares ao invés de rivais. Neste caso, a triangulação apresenta-se como fonte de dados utilizados em diferentes formas: dados primários enquanto análise bibliográfica e dados secundários enquanto relato de experiência que são apresentados a seguir.

1 Materiais e métodos

Este é um estudo descritivo com base no livro didático *Sociologia para o Ensino Médio* de Tomazi (2013), *Língua de Sinais: Estudos Linguísticos de Quadros e Karnopp* (2004) e *Breve história dos surdos no mundo e em Portugal* de Carvalho (2007) correlacionando os conceitos de Cidadania e Movimentos Sociais e a concepção de Cultura Surda, segundo Sá (2006), Carvalho (2007), Strobel (2013) e outros especialistas na área da surdez, em dois grupos: análise de conteúdo e análise bibliográfica. Para tal foi realizada uma pesquisa quali-quantitativa no intuito de identificar como os fenômenos acontecem naturalmente e como se dá a relação entre estes, quantificando-os para analisar significados, significações e percepções de um ponto de vista que também vão ser avaliados nesta pesquisa (MARTINS; BÓGUS, 2004). Assim, foi possível levantar as informações necessárias para descrever e

analisar as concepções sobre o tema e seus determinantes nos dois grupos estudados. Os dados de ambos os grupos pesquisados são primários e secundários.

Os dados primários desta pesquisa referem-se a artigos de publicações acadêmicas selecionadas para o estudo nas seguintes bases eletrônicas de dados: Periódicos da CAPES e Scientific Electronic Library Online (SciELO). Esta pesquisa utilizou-se da ferramenta de busca existente no próprio portal no qual inserimos os descritores: “Ciências Sociais” e “Inclusão de Surdos”. Conforme Pereira e Bachion (2006), outros critérios utilizados como testes de relevância: A) recorte temporal que abrange o período compreendido entre janeiro de 2010 a outubro de 2019; B) foram selecionados artigos a partir da análise dos títulos/resumos/assunto, neste caso artigos em Língua Portuguesa; C) após este levantamento, procede-se a análise dos dados, que foram caracterizados por área de conhecimento e frequência de aparecimento.

Os dados secundários foram obtidos a partir de estratégia de ensino em encontros presenciais, semanais, medidos em aulas da Sociologia aplicadas por um residente do subgrupo de Licenciatura em Ciências Sociais pelo Programa de Residência Pedagógica da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) sob orientação de duas professoras de Libras, uma ouvinte e outra surda, que atuam na Universidade Federal Fluminense (UFF). Os dados foram coletados por meio de fórum aplicado com alunos ouvintes do 3º ano do Ensino Médio Regular de uma Escola Estadual da Educação Básica em Niterói no Estado do Rio de Janeiro, em duas turmas que somam 34 alunos, sendo uma com 20 e outra com 14. Este fora realizado em aulas, com apoio de um roteiro construído pelo residente contendo cinco frases norteadoras embasados em 05 dos 06 mitos apresentados sobre as línguas de sinais em Quadros e Karnopp (2004, p. 31-37).

Os conteúdos foram assuntos interdisciplinares que buscaram interligar a Sociologia dentro de seu campo de conhecimento, direcionando-se Movimentos Sociais e Cultura Surda como conceitos chaves para o desenvolvimento da Sequência Didática e debates no íterim das aulas conforme o avanço da turma na aprendizagem dos mesmos. Após a coleta dos dados, mediante registro de exercício escrito em atividade fórum, estes foram tratados para melhor análise de dados e resultados.

2 Análise e resultados

A partir da análise bibliográfica, dados primários, realizada pode-se compreender a importância de estudos sobre Ciências Sociais e Inclusão de Surdos bem como por meio de fórum como estratégia de ensino, dados secundários, observa-se a problematização da temática Educação de Surdos pela perspectiva Bicultural através do compartilhamento e trocas de experiências interpessoais partindo da perspectiva da Educação Inclusiva em escolas da Educação Básica. Vejamos a seguir:

2.1. Premissas sobre Ciências Sociais e Inclusão de Surdos

Ao ser realizada a busca nas plataformas com o descritor: “Ensino de Surdos na Educação Básica” foram encontrados 51 estudos publicados na base de dados da CAPES em geral, já na Scielo apenas 05 produções, totalizando 56 estudos. Após Teste de Relevância A, foram selecionados 45 trabalhos que, com o Teste de Relevância B, resultou-se em 38 estudos (Tabela 1).

Tabela 1 – Número de estudos selecionados por Teste de Relevância, utilizando o descritor: Ensino de Surdos na Educação Básica.

Descritor "Ensino de Surdos na Educação Básica"			
	Total encontrado	Teste de Relevância A	Teste de Relevância B
CAPES	51	40	33
Scielo	5	5	5
Total	56	45	38

Fonte: Elaborado pelos autores.

Desse total, elaborou-se uma listagem única, na qual foram excluídos 02 artigos por estarem repetidos nas bases de dados utilizadas, restando 36 estudos que seguiram para o Teste de Relevância C (Tabela 2).

Tabela 2 – Estudos selecionados após Teste de Relevância C.

Estudos	Ano
Narrativas de formação, (auto)biografia e inclusão: experiências de professores e alunos no ensino médio	2012
Mapeamento de alunos matriculados na rede de ensino pública de um município de médio porte do estado de São Paulo: dissonâncias	2013
Um estudo sobre a educação do sujeito surdo na rede estadual de educação de Foz do Iguaçu - Paraná	2016
Universidade acessível: com a voz os estudantes surdos do ensino médio	2017
"Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil" sob a ótica de participantes do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM 2017)	2018

Fonte: Elaborado pelos autores.

Neste último teste, realizou-se a leitura integral dos estudos, sendo selecionadas 05 referências para compor a análise. A Tabela 3 mostra os motivos de exclusão dos 31 artigos.

Tabela 3 – Justificativa para exclusão dos artigos no Teste de Relevância C.

Motivo Geral	Motivo Específico	Número de trabalhos
Não abordavam o tema sobre "Ensino de Surdos na Educação Básica"	Profissionalizante	9
	Educação de Jovens e Adultos	1
	Formação de Professores	10
	Educação em saúde	1
	Perfil do tradutor intérprete	1
	Produção de materiais	4
	Ensino de matemática	4
TOTAL		31

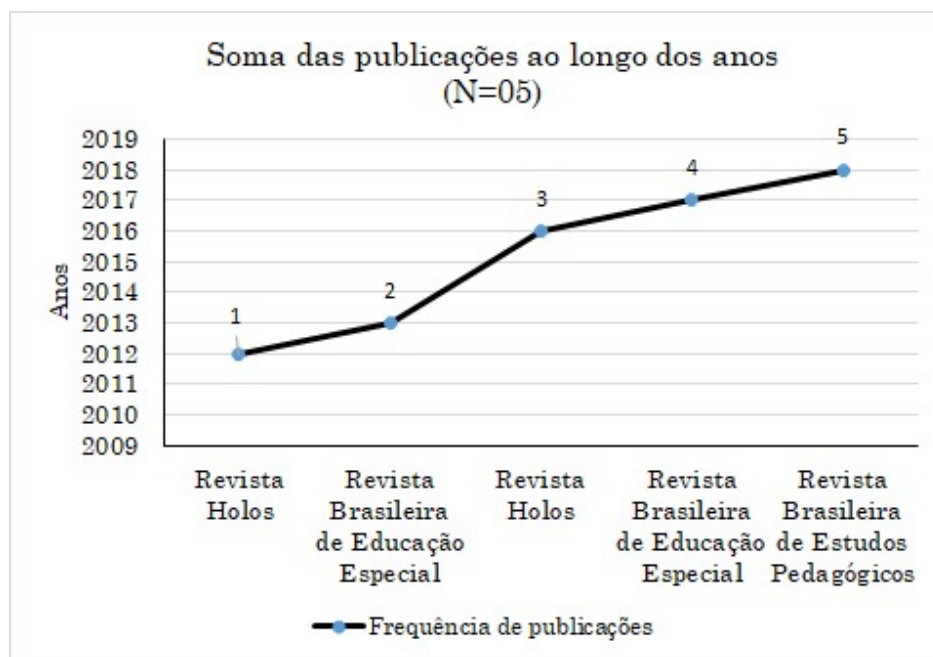
Fonte: Elaborado pelos autores.

Percebe-se que 31 dos estudos foram excluídos por não abordarem o tema “Ensino de Surdos na Educação Básica”. Dentre estes, os que abordaram a temática: Profissionalizante e Formação de Professores somam juntos 29 trabalhos.

Em relação à fonte de publicação, os 05 artigos selecionados (gráfico 1), destes foram encontrados em 01 publicação em periódicos diferentes, dos quais 02 periódicos eram específicos da área de Educação Especial e os outros 02 em revista

interdisciplinar, estes somam o maior número de estudos publicados conforme observa-se o Gráfico 1:

Gráfico 1 – Frequência dos artigos selecionados de acordo com ano de publicação (N=05).



Fonte: Elaborado pelos autores.

Leandro, Costa e Aquino (2012), em seu texto “Narrativas de formação, (auto)biografia e inclusão: experiências de professores e alunos no ensino médio” revela a importância de repensar o que precisa mudar na Educação Brasileira para auxiliar a formação de alunos com deficiência no Ensino Médio na escola comum, enfatizando a necessidade da mudança de olhar sobre a pessoa com deficiência, de sentir e de fazer educação. Além de sugerir à professores deste campo a busca sistemática pela formação continuada.

Para Resende e Lacerda (2013) do “Mapeamento de Alunos Surdos Matriculados na Rede de Ensino Pública de um Município de Médio Porte do Estado de São Paulo”, o aluno surdo necessita da construção de uma escola bilíngue, que tenha efetiva inclusão por meio da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa (LP) na modalidade escrita, como segunda língua (L2). Estes apontam para uma política de inclusão que vai além da permanência na escola, pois acredita-se que “o desenvolvimento pessoal é de suma importância, bem

como a aprendizagem, a interação com os outros e as experiências culturais que a escola oferece” (RESENDE; LACERDA, 2013, p. 422), visando propiciar o ambiente adequado com investimento desde a formação dos profissionais até a prática pedagógica.

Segundo Filho e Ferreira (2013, p. 96), a “análise dos paradigmas dos movimentos sociais nos leva a perceber que a dificuldade em sua conceituação diz respeito às mudanças históricas”. Ainda conforme os autores no estudo de movimentos sociais é preciso diferenciá-los das ações coletivas; estas, em algum momento, até mesmo podem ser representadas como estratégia dos próprios movimentos sociais, mas se resumem em ações pontuais, protestos (pacíficos ou não), rebeliões, invasões, etc” (FILHO; FERREIRA, 2013, p. 98). Dessa forma, de acordo com Angnes, Morás, Klozovski e Reali (2016), trabalhar a Educação de Surdos implica no conhecimento sobre as mudanças de concepções do ponto de vista clínico, que enxerga a surdez como deficiência, para o socioantropológico, que a compreende como diferença cultural. Tal concepção

[...] parte do princípio de que os surdos formam comunidades linguísticas minoritárias que compartilham uma Língua de Sinais e valores culturais, hábitos e modos de socialização próprios cujo valor aglutinante é a Língua de Sinais. Leva-se em consideração o grau da perda auditiva, mas não se busca a cura da surdez. São as relações sociais e culturais que constituem os sujeitos e, é isso que precisa ser trazido também para o seu ensino escolar (ANGNES, MORÁS, KLOZÓVSKI, REALI, p. 339).

Assim, segundo Romário, Dorziat, Carvalho e Andrade (2017), sobre os “Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil”, aborda que a inclusão no currículo da Educação Básica de uma disciplina obrigatória para ensino de Libras é o principal desafio para a formação educacional de pessoas surdas brasileiras, uma vez que as línguas de sinais “é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda” (STROBEL, 2013, p. 53).

Conforme Moura, Leite e Martins (2017), a escolarização de estudantes surdos perpassam sobre Políticas Públicas de Educação Inclusiva com foco no Ensino Médio apontando para dados que revelam a necessidade de que a Educação Bilíngue aconteça por meio da oferta de classes de instrução em Libras – com aulas administradas por professores bilíngues, considerando que os problemas de escolarização dos surdos, nas etapas que antecedem a Educação Superior,

demonstram o abismo entre as políticas vigentes e os desafios sociais, linguísticos e pedagógicos que impõem pensar as formas de surdez e a Educação de Surdos.

O estudo bibliográfico evidenciou a escassez de publicações e estratégias de ensino aplicadas ao campo das Ciências Sociais com temáticas que refletem os Movimentos Sociais e Cultura declinada à espaços bilíngues e multiculturais de direitos dos cidadãos no país visando a inclusão de sujeitos surdos.

2.2. O fórum Mitos acerca da Libras como estratégia de ensino sobre Cidadania, Movimentos Sociais e Cultura Surda

De acordo com Vygotsky (1993) acerca da linha construtivista, deve-se considerar que a aprendizagem pode ser mediada e que existem dois níveis de desenvolvimento no processo de aprendizagem: o real e o potencial, e, entre esses dois níveis, há uma zona de desenvolvimento proximal. Enquanto o desenvolvimento real trata do que o aluno é capaz de realizar de forma independente, o desenvolvimento potencial necessita de colaboração. Neste caso, precisamos do outro para avançar no processo de ensino-aprendizagem e o fórum utilizado no ensino presencial ou a distância deve considerar que o trabalho colaborativo amplia o conhecimento de todos os envolvidos, assim o professor apresenta um papel relevante tanto de mediador deste processo quanto do conhecimento.

A experiência realizada reafirmou as colocações de Pallof e Pratt (2004), que as atividades de forma colaborativa entre alunos produzem um conhecimento mais profundo e o aluno deixa de ser independente para se tornar interdependente. Assim, a utilização do fórum como estratégia de ensino sobre temática mitos acerca da Libras nas aulas surgiu no intuito de aprofundar conhecimentos sobre Movimentos Sociais e Cultura Surda de forma coletiva e reflexiva.

Bathes (1989, *apud* MIGUEL, 1998) afirma que, enquanto mistificação, o mito como linguagem a ser “desmascarada”, mais do que apenas “entendida”, evidencia que o mito tem a função de “deformar” e não de “desaparecer”, assim, o mito apresenta como característica principal se apresentar como fato, não como símbolo. Logo, ao partir do mito enquanto uma ideia falsa ou simples da realidade, foram selecionados e adaptados cinco mitos acerca da Libras (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 31-37),

representados na Tabela 4, que são construídos a partir da visão de mundo característica do lugar de pertencimento de ouvintes acerca da Cultura Surda e evidencia um imaginário social dominante de ouvintes com pré-noções características próprias à visão de mundo do grupo social ao qual pertencem e concebem o mesmo.

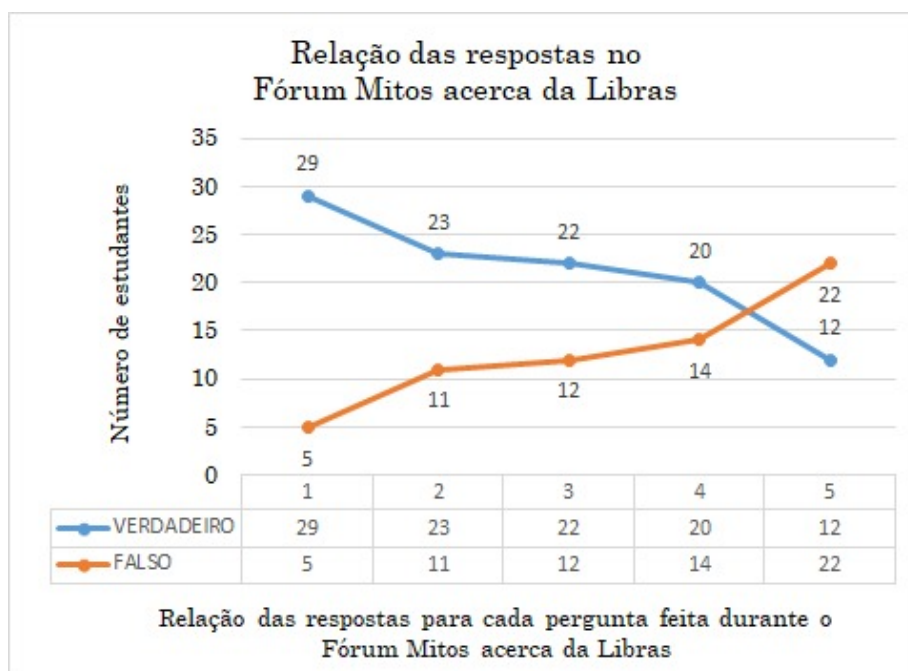
Tabela 4 – Mitos acerca da Libras utilizados no fórum.

1. A língua de sinais é uma mistura de mímica e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos?
2. Só há uma língua de sinais que é universal e usada por todas pessoas surdas?
3. A língua de sinais é subordinada, derivada e inferior às línguas orais?
4. A língua de sinais é um sistema de comunicação superficial, com conteúdo limitado, sendo estética e expressiva?
5. A língua de sinais deriva da comunicação gestual espontânea de ouvintes?

Fonte: Elaborado pelos autores.

Assim, com o fórum de discussão foi possível evidenciar a importância desta temática para Educação Básica, conforme figura 2, pois a maioria dos alunos permaneceram com respostas negativas sobre os conceitos abordados antes da discussão em fórum nas duas turmas no modo geral.

Gráfico 2 – Frequência das respostas dos alunos no fórum de discussão sobre os conceitos “Movimentos Sociais” e “Cultura Surda” em aulas da Educação Básica.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Deste modo, a utilização do fórum favoreceu em potencial o aprendizado dos alunos sobre o conteúdo aplicado à disciplina de Sociologia na qual se notou uma limitada concepção de assuntos que já haviam sido abordados em anos anteriores, e a necessidade de abordá-los novamente com viés reflexivo nas questões que nortearam este estudo.

No que diz respeito o mito 1 sobre as discussões acerca da “línguas de sinais ser uma mistura de mímica e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos”, poucos alunos demonstraram em ambas as turmas acreditar que a informação seria verdadeira, turma A (N=03) e turma B (N=02), devido a debates realizados em aulas anteriores; contrariando o senso comum de acordo com pesquisas que apontam a maioria dos alunos afirmando “a generalização de tal crença, que está relacionada à opinião de que as línguas de sinais são apenas gestos amplificadas” (SILVEIRA, 2012, p. 3). Isto posto, evidencia que se faz necessário aprofundar a discussão acerca das Línguas de Sinais e Cultura Surda com as turmas para promover a reflexão sobre o imaginário social destes em respeito às e no que diz respeito à pessoas surdas.

Dessa forma, surge o debate da “fala” e como esta pode se manifestar não só por meio da oralidade como por meio do gesto-visual, posto que “a perda da fala é a perda da capacidade de proposicionar [...] internamente e externamente. Falamos não apenas para dizer a outras pessoas o que pensamos, mas para dizer a nós mesmos o que pensamos. A fala é uma parte do pensamento” (HUGHLINGS-JACKSON *apud* SACKS, 1989, p. 28) e, assim sendo, deve-se reconhecer a necessidade comunicativa e interacional da língua.

No mito 2, ao indagar: “Só há uma língua de sinais que é universal e usada por todas pessoas surdas?”, houve um aumento de respostas afirmativas, turma A (N=07) e turma B (N=4), por conta das discussões anteriores ao fórum feitas sobre Cultura Surda terem sido pautadas nas características gesto-visuais acerca das Línguas de Sinais, partindo da Libras.

Afirmar a visão universal das Línguas de Sinais implica afirmar que fatores geográficos e culturais não influenciam na construção dos sinais. Entretanto, sabe-se que as Línguas de Sinais são distintas e que as mesmas apresentam dialetos, assim

como línguas orais, pois cada país possui sua língua oficial (QUADROS; KARNOPP, 2004) e, segundo Strobel (2013), as línguas de sinais trazem consigo atribuições históricas e evidencia trajetórias experienciadas por pessoas surdas ao longo dos séculos, a partir de experiências atravessadas pelo geográfico, social e cultural, pela garantia de Cidadania das mesmas.

De acordo com Silva (2010), para as Ciências Sociais, os Estudos Culturais estão concentrados na Análise da Cultura e com questões que envolvem a conexão entre Cultura, Significação, Identidade e Poder. A cultura, compreendida em Williams (1958) como uma forma global de vida ou experiência de um grupo social, é, também, entendida como experiências que um grupo social vivenciam, se apresentando como um campo relativamente autônomo da vida social e de produção de significados que expressam diferentes grupos sociais com posições de poder múltiplas que lutam pelo reconhecimento de suas percepções próprias à sociedade mais ampla (SILVA, 2010). Em sua autobiografia, Laborit evidencia sua perspectiva enquanto pessoa surda com cultura própria, a Cultura Surda, e demonstra seu pertencimento a este grupo social:

Eu sou surda não quer dizer o mesmo que “eu não escuto”. Quer dizer: “Compreendi que sou surda”. Era uma frase positiva e determinante. Admitia em minha cabeça o fato de ser surda, compreendia isso, analisava isso, porque haviam me dado uma língua que me permitia fazê-lo. Compreendia que meus pais tinham sua língua, seu meio de comunicação, e que eu tinha o meu. Pertencia a uma comunidade, tinha uma verdadeira identidade (LABORIT, 1994, p.67).

Além de ressaltar a surdez não como um problema em sua vida, mas que sua audição não funciona do jeito que a sociedade quer (CASTILHO, 2017).

Já, no mito 3, considera-se que “a língua de sinais é subordinada, derivada e inferior às línguas orais”, teve um aumento no índice de respostas afirmativas sobre os mitos, turma A (N=07) e turma B (N=05), mas nada muito expressivo em relação ao mito 2, porém é importante frisar que a Libras é uma língua como qualquer outra, possui códigos e regras capazes de expressar quaisquer emoções, sentimentos, conceitos, assim como nas línguas orais, segundo Quadros e Karnopp (2004).

Este debate acende a discussão entre o etnocentrismo, sendo o julgamento feito pelo “eu” no âmbito cultural, ou seja, quando o valor da cultura é transmitido de forma apreensiva permitindo que o outro se julgue mais valioso culturalmente (ROCHA,

1994) e sua influência no aprendizado da Libras que implica na concepção ouvintista hegemônica das línguas orais em detrimento das línguas de sinais e dos fatores geográficos e culturais da sociedade.

Ao omitir essas vivências, há o apagamento de suas existências e, às mesmas, é negado o direito de construir narrativas comuns e consciência identitária, logo, o currículo, que se comporta como um “documento de identidade” (SILVA, 2010), não possibilita desenvolver o entendimento sobre as formas de surdez, Comunidade Surda e Cultura Surda. De acordo com Skliar (1997), 95% das pessoas surdas nascem em famílias de ouvintes que, em geral, não conhecem ou rejeitam as línguas de sinais e, sem o contato com outras pessoas sinalizantes, significa “uma desvantagem no desenvolvimento educacional da criança surda” (QUADROS; CRUZ, 2011) pela mesma fazer parte de um grupo social que experiência o mundo através de sentidos outros, para além da audição.

No mito 4, que apresenta “a língua de sinais como um sistema de comunicação superficial, com conteúdo limitado, sendo estética e expressiva, houve um aumento na proporção de respostas afirmativas em relação aos mitos 1, 2 e 3, turma A (N=07) e turma B (N=07). Para Quadros e Karnopp (2004), esta afirmação não procede, pois, as línguas de sinais são tão complexas quanto as línguas orais. Já para Silveira (2012) é comum até pessoas que trabalham na área de Educação de Surdos ou escolas de surdos pensarem desta maneira, acontecendo que vários professores reduzem o conteúdo ao ensinar para surdos, porque pensam que não existem sinais capazes de explicar conceitos complexos e abstratos.

Saussure (1995) afirma que, no problema da linguagem, o aparelho vocal se apresenta como secundário, porque a língua e a natureza do signo são convencionais. Então, a língua se apresenta como um sistema desenvolvido supraindividualmente que tem como finalidade a comunicação entre os membros de uma comunidade. Logo, a Libras demonstra seu caráter de língua e social, ao ser constituída por signos linguísticos que permitem a comunicação entre a Comunidade Surda. O signo linguístico (*ibid.*, 1995) é resultado da convenção entre membros de uma comunidade para fazer valer o significado e significante, ou seja, é arbitrário, logo, um som que pertence aos códigos linguísticos dessa comunidade, passa a ter significado para esse grupo social.

De acordo com a Antropologia Cultural, em Geertz (1978, p. 67-68), os símbolos são “qualquer objeto, ato, acontecimento, qualidade ou relação que serve como vínculo a uma concepção – a concepção é o “significado” do símbolo, [...] formulações tangíveis de noções, abstrações da experiência fixada em formas perceptíveis, incorporações concretas de ideias”. Um mundo feito por e para ouvintes, através do reconhecimento apenas da modalidade oral-auditiva enquanto capaz de produzir signos que tem como finalidade a língua, a linguagem e a comunicação acarretam a elaboração e divulgação de mitos sobre o ser Surdo. Dessa forma, os mitos acerca da Libras partem da concepção que ouvintes impõem às pessoas surdas, construídos historicamente a noção de incapacidade baseada na perda auditiva.

“Os atos culturais, a construção, apreensão e utilização de formas simbólicas, são acontecimentos sociais como quaisquer outros” (*ibid.*, 1978, p. 68) e, com isso, é possível afirmar que o desconhecimento entre ouvintes a respeito da Cultura Surda parte da construção do discurso e do padrão que marginaliza e apaga aqueles que não estão inclusos na norma. Os mitos, assim sendo, podem ser compreendidos enquanto uma manutenção de discurso e padrão dessa relação de poder entre ouvintes e surdos.

Logo, ao analisar a trajetória da Comunidade Surda, é possível evidenciar lutas sociais que buscam o reconhecimento de surdos entendem o mundo e o modificam a fim de torná-lo acessível e habitável, o adaptando às suas percepções visuais, fator que influencia diretamente na construção de suas identidades e no próprio entendimento da comunidade (STROBEL, 2013), fator que difere de pessoas ouvintes, que estabelecem relações baseadas em suas percepções orais-auditivas.

Assim, o pensar a Cultura Surda na Educação Básica apresenta a necessidade de uma escola que entenda a coexistência, convivência, troca e compartilhamento, mas compreender que, para além da existência bicultural: Cultura Surda e Cultura Ouvinte. A escola se apresenta como um espaço multicultural, tendo em vista que a escola é uma instituição cultural com “universos entrelaçados” pela forma como as culturas se comportam como elemento-chave na contemporaneidade (MOREIRA; CANDAU, 2003).

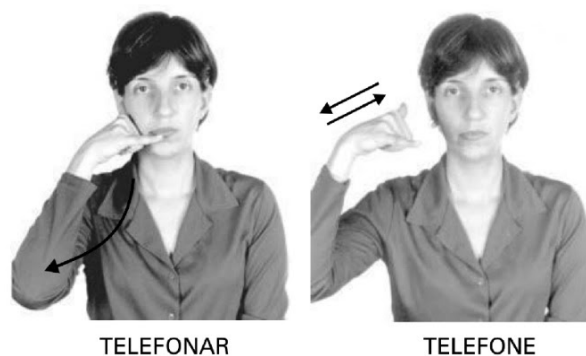
O reconhecimento e a valorização das línguas de sinais enquanto língua de uma cultura própria e meio de comunicação da Comunidade Surda pela sociedade ainda é recente (BRASIL, 2002), o incentivo pela aquisição da Libras por pessoas surdas tem

vido ampliado nos últimos anos, como é possível observar no Art. 28 da Lei nº 13.146 (BRASIL, 2015), inciso IV, XI, XII, de 6 de julho de 2015, ou Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

Salientamos que, no mito 5, que traz a seguinte questão “a língua de sinais deriva da comunicação gestual espontânea de ouvintes?”, houve uma variação considerável no índice de respostas afirmativas em comparação aos 4 mitos apresentados anteriormente. Em relação ao mito 4, que até o momento foi o que obteve o maior quantitativo de respostas afirmativas, a variação apresentada (turma A, $\Delta=06$; turma B, $\Delta=02$) foi significativa devido a turma A apresentar 20 estudantes, dos quais 13 responderam ao mito como verdadeiro, e a turma B com 14 estudantes dos quais 9 afirmaram que o enunciado está correto. O que corresponde a, somadas as duas turmas e convertido para porcentagem, 61,8% dos alunos acreditavam que as línguas de sinais são derivadas da gesticulação de pessoas ouvintes.

Para desmistificar esta afirmação, aos estudantes foi proposta a descrição imagética de formação de sinais, como exemplo sugeriu-se a palavra “telefonar” para Libras, a primeira reação foi de realizar a configuração de mão de “Y”, polegar virado para cima e encostado na orelha, mindinho na altura da boca, próximo ao rosto e com movimento contínuo imitando a ideia de vibração saindo do celular, pois esta ação caracteriza, para ouvintes, um telefonema – com relação à vibração do som que sai em seu ouvido durante uma chamada telefônica. Porém, para as pessoas surdas, o que marca a derivação do sinal <TELEFONE> substantivo para o sinal de <TELEFONAR> verbo, é o movimento dos lábios que é realizado quando uma pessoa está ao telefone, pois é isto que o surdo vê acontecer ao observar uma pessoa numa chamada telefônica. Portanto, a palavra “telefonar” traduzida para Libras pode até apresentar configuração de mão, orientação e ponto de articulação similares aos realizados pelos estudantes, entretanto por conta da concepção ser diferente do imaginário social gestual do ouvinte, há alteração no movimento e na expressão não-manual, conforme Quadros e Karnopp (2004), a seguir Figura 1:

Figura 1 – Representação do sinal <TELEFONAR> e <TELEFONE>.



Fonte: Quadros e Karnopp (2004).

Portanto, é possível demonstrar que os sinais não são construídos por gesticulações de pessoas ouvintes, mas através de características percebidas pelas pessoas surdas marcadas pelo atravessamento gesto-visual que constitui as línguas próprias da Cultura Surda.

Outro fator para compreender tal afirmativa como equivocada é apontar as trajetórias da História dos Surdos, pois, até o séc. XVI, acreditava-se que surdos não eram capazes de produzir linguagem e, com isso, eram desumanizados e não reconhecidos enquanto cidadãos. Entretanto, no séc. XVIII, o abade De Le'Epée “não podia tolerar a ideia de as almas dos surdos-mudos viverem e morrerem sem serem ouvidas em confissão” e, com isso, para possibilitar uma “transformação significativa”, foi em busca pelas ruas de Paris ao encontro da “língua de sinais nativa dos surdos pobres que vagavam” (SACKS, 1989, p. 26). Este relato evidencia que não houve a criação dos sinais por De Le'Epée, mas que os próprios surdos haviam constituído formas de comunicações entre si. É importante recordar que o final do século seguinte é marcado pelo Congresso de Milão (1880), que proibiu o uso de sinais e incentivou o oralismo – método que consiste ensinar surdos, através do visual, a leitura labial e, através das vibrações sonoras, a emitir sons através de seu aparelho fonador. “Assim sendo, aos surdos não foi sequer considerada a possibilidade de manifestação linguística em uma modalidade visuoespacial” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 36), como pode ser observado na seguinte citação:

A aparentemente coribântica agitação de mãos e braços resume-se a uma convenção, um código. [...] A regra era que todas as comunicações fossem orais. Nosso jargão de sinais, obviamente, era proibido. [...] Mas aquela

regra não podia ser imposta sem a presença dos funcionários da escola. O que estou descrevendo não é o modo como falávamos, e sim o modo como conversávamos entre nós quando nenhuma pessoa ouvinte estava presente (WRIGHT, 1969 *apud* SACKS, 1989).

Desse modo, a experiência do Fórum Mitos acerca da Libras contribui para novas estratégias de ensino com discussões coletivas, devido à ausência da disciplina de Libras na Educação Básica, ao evidenciar que influencia diretamente na compreensão e entendimento pelo imaginário social dos ouvintes que presentes apresentaram uma mudança de perspectiva sobre suas pré-noções anteriores de que pessoas surdas são mudas e não são capazes de apresentar este complexo sistema de linguagem que configura a língua. O bilinguismo existente na Educação Básica brasileira ainda permanece majoritariamente através da valorização e restrita às línguas que se apresentam na modalidade oral-auditiva sendo este um dos reflexos da hegemonia produzida de forma estrutural e simbólica por ouvintes. E é, através dessa necessidade de mudança de paradigma que marginaliza a surdez e as línguas de sinais não hegemônicas, que se torna possível evidenciar a importância desta temática estar presente na Educação Básica.

Considerações finais

O não (re)conhecimento pela sociedade da Libras como língua, principalmente por ouvintes, priva as pessoas surdas que em sua maioria nascem dentro de famílias ouvintes afetando diretamente na aquisição de linguagem. A visão médica ainda predominante na sociedade revela a surdez enquanto ausência. A afirmação destes discursos de forma equivocada pode afetar o desenvolvimento de surdos nas relações sociais de forma negativa.

Logo, o Fórum de debates Mitos acerca da Libras permitiu aos alunos ouvintes o aprendizado por meio de debate de suas experiências e observações pessoais para compreender as questões com maior amplitude levando a sensibilização e reflexão sobre construção de pensamento e de comunicação, porque as línguas são estruturas cognitivas que auxiliam na compreensão do cotidiano social e, também, a forma pela qual se comunica e se compartilha suas ideias e percepções de mundo. Pois se uma pessoa é privada de adquirir uma língua, a esta é limitada a possibilidade de reflexão e para a mesma não há acessos.

Portanto, é indispensável o desenvolvimento de caminhos nos quais ouvintes aprendam e entendam como se dá a construção da trajetória da surdez e como estes são atravessados pela comunicação, linguagem e línguas a fim de desmistificar as crenças que o imaginário sociocultural ouvinte apresentada sobre a Cultura Surda, possibilitando também o contato com a Libras e o compartilhamento dessas experiências de linguagem através da perspectiva bilíngue.

Bibliografia

ANGNES, Juliane, Sachser; MORÁS, Nadjanara Ana Baso; KLOZOVSKI, Marcel Luciano; REALI, Klevi Mary. *Um estudo sobre a educação do sujeito surdo na rede estadual de educação de Foz do Iguaçu - Paraná*. Revista HOLOS, Ano 32, Vol. 08, p. 338-353, 2016.

DENZIN, Norman K.. *The research act: a theoretical introduction to sociological methods*. 2. Ed. Chicago: Aldine Publishing Company, 1978.

FILHO, Adilson Vaz Cabral Filho; FERREIRA, Gildete. *Movimentos Sociais e o Protagonismo das Pessoas com Deficiência*. SER Social, Brasília, v. 15, n. 32, p. 93-116, jan/jun. 2013.

FLICK, Uwe. *Triangulation revisited: strategy of validation or alternative?* *Journal for the Theory of Social Behaviour*, v. 22, n. 2, p. 175-197, 1992.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1. Ed., IS. Reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

LABORIT, Emmanuelle. *O vôo da gaviota*. São Paulo: Editora Best Seller, 1994.

LEANDRO, A. L. A. L.; COSTA, Mifra Angélica Chaves da; AQUINO, Shirleyanne. Santos. *Narrativas de formação, (auto)biografia e inclusão: experiências de professores e alunos no ensino médio*. Revista HOLOS, Ano 28, Vol. 2. p. 225-233, 2012.

MIGUEL, Luis Felipe. *Em torno do conceito de mito político*. Revista Dados de Ciências Sociais [online]. 1998, v. 41, n. 3. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581998000300005&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: jul. 2019.

MOURA, Adelson Fidelis de; LEITE, Lúcia Pereira; MARTINS, Sandra Eli Sartoreto de Oliveira. *Universidade Acessível: com a Voz os Estudantes Surdos do Ensino Médio*. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v. 23, n. 4, p. 531-546, Out-Dez, 2017.

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karen Lilian. *História cultural dos surdos: desafio contemporâneo*. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2/2014, p. 17-31. Editora UFPR.

QUADROS, Ronice Mullher de; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Muller de; Cruz, C. R. *Língua de sinais: instrumentos de avaliação*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

RESENDE, Alice Almeida Chaves; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. *Mapeamento de alunos surdos matriculados na rede de ensino público de um município de médio porte do estado de São Paulo: dissonâncias*. Revista Brasileira de Educação Especial, 19 (3), 2013, p. 411-424.

ROMÁRIO, Lucas; DORZIAT, Ana; CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; ANDRADE Fernando César Bezerra de. “Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil” sob a ótica de participantes do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem 2017). Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 99, nº 253, Brasília, Sept./Dec., 2018.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. *Cultura, poder e educação de surdos*. São Paulo: Paulinas, 2006 (Coleção Pedagogia e Educação).

SACKS, Oliver Wolf. *Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SILVA, Tomás Tadeu. *Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias de currículo*. 3. Ed.; 10. Reimp. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

SILVEIRA, Carolina Hessel. *Mitos sobre Línguas de Sinais – Discussões com alunos de medicina e fonoaudiologia*. ANAIS de evento: IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul - ANPED SUL. [online] Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/3002/666>>. Acesso em: out. de 2019.

STROBEL, Karen Lilian. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. 3. Ed. rev. Florianópolis: Ed. UFSC, 2013.

TOMAZI, Nelson Dacio. *Sociologia para o ensino médio*. São Paulo: Saraiva, 2013. Unidade 5: Direitos, Cidadania e Movimentos Sociais, p. 184-239.

Recebido em: 13 de dezembro de 2019.

Aceito em: 07 de dezembro de 2020

Como citar este texto:

LEITE, Airam Aimé Nesti Dupret Lamas; SÁ, Tatiane Militão de; DAWES, Tathiana Prado. A importância da discussão dos Movimentos Sociais e Cultura Surda no currículo da Educação Básica. Revista Café com Sociologia, Maceió, v.9, n. 2, p. 22-41, ago./dez. 2020.